

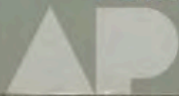
TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES





TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

— 1. — De Henrique de Almeida e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajectória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso dedica esta obra de antologia, por enquanto circunscrita ao século XX, em que abundo representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela existisse, contra ventos e mares, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história teatral de uma figura cineasta e de suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a dilatar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria imediatamente incompleto, e portanto desiguando, se amputado de textos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que pertencem (e preconceitivamente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranha, pois, o leitor se encontrar, neste e nas demais volumes que não publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares. Il-lu-do são para um público que entretanto desapareceu, e isso media concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma praxis que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de conjunções.

— 2. — A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram as que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e de então para cá, quase todas (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao gadeu, o episódio da ilha dos Lagartos é uma verdadeira peça num acto, encastada na Vida do Grande D. Quixote) são incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar desmentida uma afirmação, muitas vezes citada, de Galvão de Almeida, para quem a concepção própria e inventividade de

temas portugueses

FERNANDO PESSOA

O Marinheiro

(1915)

Fernando Augusto Nogueira Pessoa nasceu a 13 de Julho de 1888, em Lisboa, onde faleceu a 30 de Novembro de 1935. O maior poeta português do século xx e um dos maiores de todos os tempos, de si próprio dizia ser «essencialmente — por trás das máscaras involuntárias do poeta, do pensador e do mais que haja — dramaturgo», já que «nem pensou nunca, nem sentiu, senão dramaticamente». E, de facto, o fascínio da expressão dramática — seria talvez excessivo dizer do teatro — acompanhou-o ao longo de toda a sua vida literária, se bem que apenas deixasse completa uma obra desse género: o «drama estático» num acto *O Marinheiro*, escrito em 1913 e publicado em 1915 no primeiro número do *Orpheu*, que ele considerava «a coisa mais remota que existe na literatura», acrescentando, com evidente auto-ironia, que «a melhor nebulosidade e subtilidade de Maeterlinck é grosseira e carnal em comparação». Mas essa seria ainda uma forma de reconhecer os nexos que prendiam esse drama à estética simbolista, de que afirmou «rejeitar a exclusiva preocupação do vago, a exclusiva atitude lírica, e, sobretudo, a subordinação da inteligência à emoção» e aceitar «a preocupação musical, a sensibilidade analítica, a sua análise profunda dos estados de alma (que) procura intelectualizar». *O Marinheiro*, aliás, inscrevia-se num projecto global que designava por «Teatro do Êxtase» e de que restam fragmentos de outros dramas: uma *Salomé*, uma *Mereia*, *A Morte do Príncipe* e *Diálogos no Jardim do Palácio*. Outros curtos fragmentos dramáticos, como esses ainda inéditos, existem no seu espólio literário: três peças de inspiração shakespeariana, escritas em inglês (*Marino*, *The Multiple Gentleman*, *The Duke of Parma*), uma peça de enredo policial redigida no mesmo idioma, sem título, uma sátira poli-

tica com canções intercaladas (*Circo Internacional Schildroth*), um *Auto da Morte*, cinco textos sobre figuras e assuntos nacionais (*Portugal, O Encoberto, Catástrofe*, uma *Inês de Castro* e uma *Leonor Teles*), duas peças sobre o tema da dificuldade de comunicação entre os seres (*Intervenção Cirúrgica* e *Amor*), uma sequência de obras inspiradas nos grandes mitos clássicos — e um *Fausto*, «tragédia subjectiva» segundo o próprio autor, «poema impossível» como lhe chamou Manuel Gusmão, em que trabalhou continuamente desde 1908, que se dividiria em três partes mas de que apenas se conhecem, até agora, fragmentos dispersos da primeira.

O Marinheiro foi representado, pela primeira vez, em 1957 no Teatro de Ensaio de Lisboa, e em 15 de Abril de 1983 na sala experimental do Teatro Nacional de D. Maria II, encenado por António de Macedo e interpretado por Paula Mora, Amélia Mota e Lúcia Maria (as TRÊS VELADORAS).

PRIMEIRA — Não desejais, minha irmã, que nos entretenhemos contando o que fomos? É belo e é sempre falso...

SEGUNDA — Não, não falemos disso. De resto, fomos nós alguma coisa?

PRIMEIRA — Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é belo falar do passado... As horas têm caído e nós temos guardado silêncio. Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarela, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, por que se dá qualquer cousa?...

(Uma pausa.)

A MESMA — Falar no passado — isso deve ser belo, porque é inútil e faz tanta pena...

SEGUNDA — Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

TERCEIRA — Não. Talvez o tivéssemos tido...

PRIMEIRA — Não dizeis senão palavras. É tão triste falar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos?...

TERCEIRA — Onde?

PRIMEIRA — Aqui, de um lado para o outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

TERCEIRA — De quê?

PRIMEIRA — Não sei. Por que o havia eu de saber?

(Uma pausa.)

SEGUNDA — Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivia outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse...



BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS

OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Alameda, 11000 Lisboa

Alameda, 11000 Lisboa

Alameda, 11000 Lisboa

Alameda, 11000 Lisboa

Alameda, 11000 Lisboa

ÍNDICE

Alameda, 11000 Lisboa

Alameda, 11000 Lisboa

Prefácio, de LUIZ FRANCISCO REBELLO.....	7
MARCELINO MESQUITA — <i>O Tio Pedro</i> (1902).....	15
MANUEL PENTEADO — <i>Lei-San</i> (1903).....	31
JORGE SANTOS — <i>A Festa da Actriz</i> (1903).....	45
AUGUSTO DE LACERDA — <i>Terra Mater</i> (1904).....	59
MANUEL LARANJEIRA — <i>Às Feras</i> (1905).....	103
MÁRIO GOLLEN — <i>Os Degenerados</i> (1905).....	141
EMÍDIO GARCIA — <i>Os Que Furam</i> (1905).....	155
JÚLIO DANTAS — <i>Mater Dolorosa</i> (1908).....	179
CARRASCO GUERRA — <i>O Triunfo</i> (1908).....	203
URBANO RODRIGUES E VÍTOR MENDES — <i>O Camarim</i> (1910).....	225
BENTO MANTUA — <i>O Álcool</i> (1912).....	247
ANDRÉ BRUN — <i>Cavalheiro Respeitável</i> (1914).....	273
PEDROSO RODRIGUES — <i>A Cilada</i> (1914).....	297
PONCE DE LEÃO — <i>A Onda</i> (1915).....	311
FERNANDO PESSOA — <i>O Marinheiro</i> (1915).....	331
ABREU E SOUSA — <i>Penélope</i> (1919).....	347
ALMADA NEGREIROS — <i>Antes de Começar</i> (1919).....	361
RAUL BRANDÃO — <i>O Doido e a Morte</i> (1923).....	379
ANTÓNIO PATRÍCIO — <i>Judas</i> (1924).....	397
VASCO MENDONÇA ALVES — <i>Viva da Costa!</i> (1925).....	403
VITORIANO BRAGA — <i>Lua-de-Mel</i> (1928).....	427
CHAGAS ROQUETE — <i>O Trivial</i> (1928).....	445
BRANQUINHO DA FONSECA — <i>A Posição de Guerra</i> (1928).....	455
ANTÓNIO FERRO — <i>A Mulher Fatal</i> (1928).....	467
JOÃO PEDRO DE ANDRADE — <i>Continuação da Comédia</i> (1931).....	479
RAMADA CURTO — <i>Três Gerações</i> (1931).....	497
ALICE OGANDO — <i>A Prima Tança</i> (1934).....	513
CARLOS SELVAGEM — <i>Balada de Outono</i> (1945).....	527



Esta edição de
Teatro Português em Um Acto (1900-1945)
foi executado na
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Capa de Armando Alves.
Como vinheta utilizou-se desenho da autoria de
Branquinho da Fonseca, extraído da peça
A Posição de Guerra, edição da *Presença*, 1928.

Acabou de imprimir-se
em Outubro de mil novecentos e noventa e sete.

ED. 42 000 952
CÓD. 205 155 000
ISBN 972-27-0867-8

DEP. LEGAL N.º 115 805/97